

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES



100^{os}

REVOLTA

Quando pensavam ter encontrado a paz,
o pior acontece.

KASS MORGAN

TOP
SEL
LER

PARA OS MEUS LEITORES.

**OBRIGADA POR ACOLHEREM OS MEUS DELIQUENTES ESPACIAIS
NOS VOSSOS CORAÇÕES. A IMPORTÂNCIA DO VOSSO APOIO
É VASTA COMO A GALÁXIA.**

CAPÍTULO 1

Clarke

Clarke arrepiou-se com o vento que soprava na clareira, agitando as folhas vermelhas e douradas que ainda se prendiam às árvores.

— Clarke — chamou uma voz distante. Era uma voz que imaginara inúmeras vezes desde que chegara à Terra. Ouvira-a no correr do regato. No sussurro dos ramos. E, acima de tudo, ouvira-a no vento.

Mas já não precisava de dizer a si mesma que era impossível. Sentiu um calor alastrar pelo peito e virou-se, vendo a mãe aproximar-se com um cesto cheio de maçãs do pomar dos terrestres.

— Já provaste uma destas? São incríveis! — Mary Griffin pousou o cesto numa das mesas longas de madeira, pegou numa maçã e atirou-a a Clarke. — 300 anos de engenharia genética e nunca conseguimos aproximar-nos de algo parecido na Colónia.

Clarke sorriu e deu uma dentada, olhando em redor o acampamento movimentado. Em todas as direções, colonos e terrestres preparavam-se alegremente para a sua primeira celebração em conjunto. Felix e o namorado, Eric, transportavam taças pesadas de legumes cultivados nas hortas dos terrestres e cozinhados nas suas cozinhas. Dois terrestres explicavam a Antonio como entrançar ramos para fazer coroas. E, à distância, Wells lixava uma das novas mesas de piquenique com Molly, que começara recentemente a aprender com um carpinteiro terrestre.

Olhando para todos naquele momento, custava acreditar nas dificuldades e na dor que todos tinham suportado durante os meses anteriores. Clarke fora um dos cem adolescentes originais enviados para a Terra para descobrir se os humanos conseguiriam sobreviver no planeta envenenado pela radiação. Mas a nave em que seguiam despenhou-se, cortando o contacto com a Colónia. Enquanto os cem conseguiam sobreviver a custo na Terra, os restantes colonos perceberam que os seus sistemas de suporte vital tinham falhado e que o tempo que lhes restava era limitado. Os níveis de oxigénio caíam e o pânico alastrava, fazendo-os lutarem por lugares nas naves, que, infelizmente, só conseguiriam transportar um número reduzido deles. Clarke e os outros elementos dos cem tinham ficado atordoados quando várias naves cheias de colonos pou-saram na Terra. De forma menos surpreendente, o Vice-Chanceler Rhodes iniciou uma campanha brutal para retirar o poder aos adolescentes, que se haviam tornado os líderes dos colonos no planeta. Entre outras baixas, isso resultou na morte de Sasha Walgrove, a namorada de Wells e filha do líder dos terrestres pacíficos, Max, criando tensão entre os dois grupos. Mas acabaram por se unir para derrotar um inimigo perigoso: a facção renegada de terrestres violentos que queria destruir os colonos. Desde então, todos pareciam

esforçar-se para trabalhar em conjunto. Rhodes demitiu-se do cargo de Vice-Chanceler e ajudou a constituir um novo Conselho, composto por colonos e terrestres.

Aquele dia não era apenas a primeira celebração conjunta dos dois grupos. Era a primeira ocasião na qual o novo Conselho se apresentaria diante do seu povo recém-unido. O namorado de Clarke, Bellamy, era um dos membros do novo Conselho e fora-lhe mesmo pedido que fizesse um discurso.

— Parece que as coisas começam a compor-se — disse a mãe de Clarke, vendo um colono jovem a ajudar duas raparigas terrestres a porem a mesa com pratos de estanho irregulares e talheres de madeira. — Que devo fazer?

— Tens feito mais do que suficiente. Tenta descontraír. — Clarke deu um passo atrás e interiorizou a visão familiar do sorriso caloroso da mãe. Embora já tivesse passado um mês desde que se haviam reencontrado, não conseguia deixar de se maravilhar com o facto de os pais não terem sido lançados ao espaço na Colónia como castigo pela sua traição, como lhe fora dito. Em vez disso, tinham sido enviados para a Terra, onde enfrentaram inúmeros perigos, conseguindo chegar finalmente até ela. Os dois médicos tinham-se tornado elementos fundamentais do acampamento, ajudando na reconstrução depois dos ataques dos terrestres violentos, colaborando com o Dr. Lahiri para tratar os feridos e, juntamente com Clarke, Wells e Bellamy, reforçando os laços entre os colonos e os seus vizinhos terrestres pacíficos.

Clarke não conseguia recordar a ocasião anterior em que a vida começara a parecer pacífica e cheia de esperança. Depois de meses de medo e sofrimento, parecia finalmente apropriado celebrar.

O pai de Clarke atravessou a clareira em direção às mesas toscas, parando para acenar a Jacob, um lavrador terrestre seu

amigo, e virando-se para esboçar um enorme sorriso a Clarke. O seu braço esquerdo prendia um molho de maçarocas de milho garridas.

— O Jacob diz que não choverá e poderemos ver bem a lua quando nascer. — David Griffin pousou as maçarocas na mesa e coçou a sua recente e abundante barba, pensativo. Observou o céu como se já conseguisse ver a lua. — Parece que será vermelha quando surgir no horizonte. O Jacob chamou-lhe «lua das colheitas», mas parece aquilo a que os nossos antepassados chamavam «lua de equinócio».

Na infância, Clarke por vezes cansara-se das palestras intermináveis do pai sobre a Terra, mas, naquele momento, depois de um ano em luto angustiado pelos pais que acreditava estarem mortos, o seu palavreado incessante enchia-lhe o coração de deleite e gratidão.

Enquanto o ouvia falar, ainda assim, o olhar de Clarke moveu-se para a linha formada pelas árvores, à distância, onde uma figura alta e familiar saía da floresta com o arco ao ombro.

— Acho que gosto de «lua das colheitas» — afirmou Clarke distraidamente, com um sorriso a alastrar-lhe pela cara.

Bellamy abrandou a passada quando entrou na clareira, olhando o acampamento. Mesmo depois de tudo o que tinham passado juntos, saber que a procurava fazia o coração de Clarke palpitar. Independentemente do que aquele planeta selvagem e perigoso lhes atirasse, enfrentá-lo-iam juntos e sobreviveriam juntos.

Quando Bellamy se aproximou, Clarke viu o que ele trazia às costas. Era uma ave enorme com penas largas garridas e um pescoço longo e fino. Parecia destinada a alimentar metade do grupo naquela noite. Sentiu o orgulho crescer-lhe no peito. Apesar de o seu acampamento ter passado a albergar mais de 400 pessoas, incluindo vários guardas bem

treinados da Colônia, Bellamy continuava a ser, de longe, o melhor caçador.

— É um peru? — perguntou o pai de Clarke, quase virando uma mesa com a pressa de ver melhor.

— Vimo-los na floresta — disse a mãe, surgindo ao lado de Clarke. Ergueu uma mão para proteger os olhos do sol, enquanto via Bellamy aproximar-se. — A noroeste daqui, no último inverno. Pensei que fossem pavões com aquelas penas azuis. De qualquer forma, eram esquivos demais para conseguirmos apanhar um.

— O Bellamy consegue caçar qualquer coisa — afirmou Clarke, corando quando a mãe arqueou uma sobrancelha sabedora.

Clarke sentira-se um pouco preocupada com a apresentação de Bellamy aos seus pais, sem saber ao certo como reagiriam a alguém tão diferente do seu exemplar ex-namorado da Phoenix, Wells. Mas, para seu alívio, eles pareciam ter simpatizado com Bellamy desde o primeiro momento. Os seus próprios traumas tornaram-nos compreensivos e protetores de Bellamy quando este passou a noite na cabana da família de Clarke, atormentado por pesadelos debilitantes que o impediam de dormir, reduzindo-o a um destroço trémulo e transpirado. Eram sonhos com pelotões de fuzilamento, vendas fundidas na sua cara, e os gritos de Clarke e de Octavia a fazerem estremecer os seus ossos. Em noites como aquelas, os pais de Clarke apressavam-se a misturar infusões de ervas para o ajudarem a dormir enquanto Clarke lhe segurava a mão. Nenhum dos dois lhe dissera qualquer palavra de advertência.

Acenavam os dois animadamente a Bellamy, mas, mesmo assim, Clarke sentia a tensão aumentar nos ombros. Havia algo estranho nos passos de Bellamy. Trazia a cara pálida e não parava de olhar sobre o ombro, com olhos arregalados e em pânico.

O sorriso do pai de Clarke esbateu-se quando Bellamy se aproximou. Estendeu a mão para o pássaro e Bellamy largou-o nos seus braços estendidos sem mesmo um «obrigado».

— Clarke — chamou Bellamy. Estava ofegante, como se tivesse vindo a correr até ali. — Preciso de falar contigo.

Antes de ela conseguir responder, Bellamy segurou-a pelo cotovelo e puxou-a para o outro lado da fogueira, até ao limiar do anel formado pelas cabanas recém-construídas. Clarke tropeçou numa raiz que saía do chão e precisou de recuperar rapidamente o equilíbrio para não ser arrastada atrás dele.

— Bellamy, para. — Clarke libertou o braço.

O olhar vidrado foi suspenso.

— Desculpa. Estás bem? — perguntou, voltando a parecer momentaneamente ele próprio.

Clarke acenou afirmativamente.

— Sim, estou. Que se passa?

O olhar frenético regressou enquanto olhava o acampamento.

— Onde está a Octavia?

— Vem a caminho com os miúdos. — Octavia levava as crianças mais pequenas até ao regato para passarem a tarde a brincar, impedindo que interferissem nos preparativos. Clarke apontou a fila de crianças de mãos dadas que atravessava a clareira em direção às mesas, com a rapariga de cabelo preto, Octavia, a mostrar o caminho. — Vês?

Bellamy descontraíu um pouco quando viu a irmã, mas, logo a seguir, quando encarou novamente Clarke, a sua expressão voltou a ensombrar-se.

— Vi uma coisa estranha enquanto caçava.

Clarke mordeu o lábio, suprimindo um suspiro. Não era a primeira vez que Bellamy dizia as mesmas palavras naquela

semana. Nem sequer era a décima. Mas ela apertou-lhe a mão e acenou com a cabeça.

— Conta-me.

Viu-o mudar a perna em que apoiava o peso do corpo, com uma gota de suor a escorrer-lhe do cabelo escuro e despenteado.

— Há mais ou menos uma semana, vi um monte de folhas no trilho dos veados, no caminho até Mount Weather. Não me pareceu... natural.

— Não te pareceu natural — repetiu Clarke, esforçando-se para manter a paciência. — Um monte de folhas. Na floresta. No outono.

— Um monte de folhas enorme. Quatro vezes maior do que qualquer dos montes em redor. Suficientemente grande para alguém se esconder debaixo dele. — Bellamy começou a caminhar de um lado para o outro, falando mais para si mesmo do que para Clarke. — Não parei para investigar. Devia ter parado. Porque não parei?

— Está bem... — interrompeu Clarke, lentamente. — Vamos investigar agora.

— Já não está lá — disse Bellamy, passando os dedos pelo cabelo já suficientemente despenteado. — Ignorei-o. E, hoje, já não está lá. Como se alguém o usasse para alguma coisa e tivesse deixado de precisar dele.

A sua expressão, um misto de ansiedade e culpa, provocou-lhe um aperto no coração. Sabia qual era o motivo daquilo. Depois da chegada das naves de transporte, o Vice-Chanceler Rhodes tentara executar Bellamy por crimes que supostamente cometera na nave. Dois meses antes, fora forçado a uma despedida dilacerante das pessoas que amava antes de ser vendido e arrastado para a frente de um pelotão de fuzilamento. Olhara a morte nos olhos, acreditando que estava prestes a abandonar Octavia e a destruir Clarke. Mas a sua execução iminente fora descarrilada pelo súbito e brutal ataque dos

terrestres. Rhodes perdoou Bellamy, mas esses acontecimentos tinham custado um preço. Os surtos de paranoia que se seguiram não surpreendiam, mas, em vez de melhorar, Bellamy parecia piorar.

— Temos de somar isto ao resto — continuou ele, falando mais alto e parecendo mais frenético. — Os rastos de rodas perto do rio. As vozes que ouvi nas árvores...

— Já falámos disso — interrompeu-o Clarke, enquanto lhe envolvia a cintura com os braços. — Os rastos de rodas deviam vir da aldeia. Max e os dele têm carrinhos. E as vozes...

— Ouvi-as. — Começou a afastar-se, mas Clarke não o deixou.

— Sei que ouviste — disse ela, apertando-o mais.

Bellamy baixou os ombros, apoiando-lhe o queixo na cabeça.

— Não quero fazer uma cena... — Bellamy engoliu em seco. As palavras «outra vez» ficaram por dizer. — Mas é como te disse. Há alguma coisa que não bate certo. Senti-o antes e sinto-o agora. Temos de avisar toda a gente.

Clarke olhou por cima do ombro, vendo toda a gente ocupada no acampamento. Lila e Graham passavam com baldes de água, troçando de um rapaz mais pequeno que carregava os seus com dificuldade. Os miúdos terrestres riam-se enquanto chegavam a correr da sua aldeia com mais comida para a mesa. Os guardas conversavam enquanto trocavam de patrulha.

— Temos de os avisar antes desta... celebração. — Agitou a mão num gesto de desdém. — O que quer que isto seja.

— A Festa das Colheitas — anuiu Clarke. Adorava a possibilidade de participar numa tradição com séculos, que remontava a um momento anterior ao Cataclismo, a guerra nuclear que quase destruíra a Terra, forçando os primeiros colonos a partirem para o espaço para salvar a espécie

humana. — O Max disse que este dia é celebrado aqui há gerações e será bom aproveitar um momento para...

— É isso que espera aquele grupo renegado de terrestres — argumentou Bellamy, falando mais alto. — Se quisessem atacar-nos, hoje seria o dia. Estamos todos juntos. Somos alvos fáceis.

Um rapazinho saltitou para fora da sua cabana. Quando viu Bellamy, empalideceu e voltou a correr para dentro.

Clarke pegou nas mãos de Bellamy, segurando-as e sentindo-as tremer enquanto o olhava nos olhos.

— Confio em ti — disse ela. — Confio que viste o que viste.

Bellamy acenou-lhe com a cabeça, ouvindo. Mas continuava ofegante.

— Também tens de confiar em mim. Estás seguro aqui. Estamos seguros. A trégua que conseguimos no mês passado mantém-se firme. O Max diz que os terrestres renegados foram para sul quando perderam a batalha e ninguém os viu desde então.

— Eu sei — disse Bellamy. — Mas não é só o monte de folhas. Sinto um arrepio na nuca...

— Então vamos substituí-lo por outro tipo de arrepio. — Clarke pôs-se em bicos de pés e beijou Bellamy por baixo do maxilar antes de mover os lábios até à sua nuca.

— Não é assim tão simples — afirmou ele, embora Clarke o sentisse finalmente a descontrair.

Inclinou-se para trás e sorriu-lhe.

— Vamos. Hoje é um dia feliz, Bel. É o teu primeiro grande evento como membro do Conselho. Pensa no teu discurso. Concentra-te em desfrutar da comida que ajudaste a arranjar.

— O Conselho — disse ele, fechando os olhos e expirando. — Certo. Tinha-me esquecido do maldito discurso.

— Vai correr tudo bem — tranquilizou Clarke, voltando a erguer-se para lhe roçar os lábios pela bochecha áspera. — Estás firme e vertical.

— É verdade. — Bellamy abraçou-a pela cintura, sorrindo enquanto a puxava para ele. — Também consigo estar firme e horizontal.

Clarke riu-se, aplicando-lhe uma palmada fingida.

— Sim, magnífico. Agora, vem ajudar-me a pôr este jantar em marcha antes de te juntares ao Conselho. Podemos celebrar em privado mais tarde.

Bellamy passou para trás dela, mantendo-lhe os braços à volta da cintura, fazendo-a sentir o seu hálito quente no pescoço.

— Obrigado — murmurou.

— O que me agradeces? — perguntou ela com ligeireza, tentando esconder as palpitações preocupadas que se intensificavam no seu coração.

Podia ter conseguido acalmá-lo com as suas palavras naquele dia. E no dia anterior. E na noite anterior.

Mas já não podia ignorar o facto de Bellamy estar a piorar.

CAPÍTULO 2

Wells

Os músculos das costas de Wells ardiam ao erguer o último barril de cidra para o carrinho. Após dias de preparativos para a Festa das Colheitas, tinha as mãos gretadas e esfoladas e os pés inchados e doridos. Doía-lhe cada centímetro do corpo.

E só conseguia pensar: «mais». Mais dor. Mais trabalho. Qualquer coisa para o distrair dos pensamentos sombrios que lhe infetavam a mente como caruncho. Qualquer coisa para o fazer esquecer.

Uma mulher terrestre com um bebé preso ao peito com um pano passou por ele e sorriu-lhe. Wells dirigiu-lhe um aceno educado, preparando-se para o embate de uma memória, violento como a queda de um meteoro: Sasha a agitar no ar uma espiga de trigo para o mesmo bebé brincar, enquanto a mãe pendurava a roupa para secar à frente da cabana. O cabelo preto de Sasha a cair para diante, os olhos

verdes a brilharem ao troçar de Wells por ter mais medo de bebês do que de enfrentar Rhodes e os seus homens em combate.

Wells cerrou os dentes e agachou-se para levantar o carrinho. O peso doloroso obliterou a memória. A seguir, puxou a carga pelo caminho que atravessava a aldeia até ao limiar da floresta, onde os outros se debatiam com a sua carga própria.

O ruivo Paul, de folga, mas mantendo a farda de guarda vestida, erguia-se sobre um penedo, olhando os aldeões terrestres e os colonos que se tinham oferecido para levar provisões até ao acampamento para a festa daquela noite.

— Muito bem, pessoal. Fiz uma verificação cuidadosa da floresta e o caminho está desimpedido. Mas vamos manter-nos em movimento, como precaução. — Bateu com as mãos e apontou o caminho pela floresta com marcas de recente utilização intensiva. — Despachem-se e mantenham-se atentos ao que vos rodeia.

Wells viu alguns dos aldeões fixarem em Paul olhares divertidos. Podia considerar-se Paul ainda como um recém-chegado, um dos colonos que tinham vindo numa nave de transporte que aterrara longe das coordenadas. O seu grupo chegara ao acampamento imediatamente após a batalha sangrenta contra uma facção violenta de terrestres ter resultado numa trégua.

Wells conhecera Paul de passagem na Colónia. Afável e enérgico, sempre lhe parecera mais um soldado fiável e competente do que um líder, mas as coisas tinham mudado claramente durante o ano anterior. O que quer que tivesse acontecido ao bando de sobreviventes de Paul entre o despenhamento e a chegada ao acampamento tinha-o transformado no capitão não oficial e ele mantinha esse ar de responsabilidade.

— Os que levarem cargas pesadas tenham cuidado para não exagerarem. Se ficarem feridos, serão um alvo fácil para o inimigo.

Wells revirou os olhos. Os terrestres perigosos tinham partido há muito. Paul sentia-se frustrado por ter perdido a ação e tentava sobrecompensar naquele momento. Wells não tinha paciência para aquilo, não depois de ter testemunhado os reais custos da batalha.

Paul franziu ligeiramente a testa.

— Graham, que fazes com essa faca? Não vais caçar hoje.

— Quem disse? — replicou Graham, puxando a faca longa da bainha e girando-a na direção de Paul. Por um momento, Wells ponderou intervir. Mesmo que Graham tivesse acalmado nos meses anteriores, Wells nunca esqueceria o brilho violento nos seus olhos quando tentou convencer os primeiros cem a matar Octavia por ter roubado medicamentos.

Mas, antes de Wells poder agir, Graham fungou, voltou a embainhar a faca e afastou-se, acenando com a cabeça a Eric, que se aproximava vindo da outra direção.

Eric aproximou-se de Wells.

— Precisas de ajuda com isto? — Apontou o carrinho. — Não queiras *exagerar, e tornares-te um alvo fácil para o inimigo*.

Wells forçou o riso.

— Obrigado. Vou buscar mais lenha e sigo-te.

Virou-se e dirigiu-se para a pilha de lenha por trás da fila de cabanas mais distante, com o sorriso a esmorecer e o maxilar tenso com o esforço do fingimento. Tudo nele lhe parecia pesado por aqueles dias, com cada passo carregado de mágoa. Mas seguiu em frente, mesmo assim, retirando o machado do suporte e rachando troncos até ter uma pilha de lenha considerável para levar. Empilhou-a com cuidado, ignorando as farpas cravadas nas mãos, prendeu tudo com correias de transporte e içou-a para os ombros.

A aldeia ficou vazia enquanto rachava lenha. Todos tinham partido para se juntarem aos outros, comendo e festejando: a colheita, o recomeço, uma comunidade mais numerosa, uma paz encontrada.

Wells expirou, deixando cair os ombros. As correias exerciam pressão sobre a camisa e feriam-lhe a pele enquanto olhava o vale vazio em redor. Era positivo. Chegaria um pouco tarde ao acampamento, mas traria lenha suficiente para os fornos e para a fogueira. Ficaria junto à fogueira, reabastecendo-a de lenha. Seria a sua função naquela noite. Uma desculpa perfeita para evitar a festa, os discursos, as centenas de caras familiares, todos eles pensando nas pessoas que gostariam que estivessem ali naquela noite.

Os seus entes queridos na Colónia... todos mortos por culpa de Wells.

Fora ele a afrouxar a comporta estanque na nave, condenando as centenas de pessoas que não conseguiram encontrar lugares nas naves a uma morte lenta por asfixia. Incluindo o seu próprio pai, o Chanceler. Fizera-o para salvar Clarke, mas, mesmo assim, sempre que via o seu próprio reflexo, encolhia-se. Cada ação sua resultava em destruição e morte. Se os outros colonos soubessem o que tinha feito, não se limitariam a expulsá-lo das mesas da Festa das Colheitas naquela noite. Seria banido da comunidade. E seria merecido.

Voltou a expirar e sentiu-se trémulo, com uma fraqueza súbita. Virou-se para ajustar a carga pesada às costas e viu que uma das cabanas tinha a porta entreaberta.

Era a cabana de Max. O lar de Sasha.

Wells conhecera Sasha apenas durante algumas semanas, mas parecia-lhe que guardava anos de memórias vivas acumuladas nesse curto período de tempo. Apreciara especialmente estar com ela na aldeia. Não era apenas a filha do líder dos terrestres. Integrara a força vital da comunidade. Fora ela

a oferecer-se como voluntária para recolher informações sobre os cem, mesmo que essa missão tivesse colocado a sua vida em risco. Era sempre a primeira a oferecer ajuda, um ombro compreensivo, expressando uma opinião impopular pelos menos poderosos. Era útil, era valiosa, era amada. E deixara de existir.

Wells pousou a carga, ignorando o ruído da lenha a cair e cambaleou como um sonâmbulo até à porta. Há quase um mês que não entrava na cabana, evitando as recordações e a interação com os terrestres enlutados durante tanto tempo quanto possível. Mas, naquele momento, não havia ninguém à volta e a cabana atraía-o como um íman.

Os seus olhos perscrutaram o interior sombrio, onde vislumbrou uma mesa coberta com peças eletrónicas, um pequeno recanto que funcionava como cozinha, a cama de Max... e ali, ao fundo, o canto de Sasha.

A sua cama, a sua colcha, um ramo de flores secas, o desenho de um pássaro gravado na parede de madeira. Tudo continuava ali.

— Não consegui tirar nada — admitiu uma voz grave atrás de Wells.

Wells virou-se e viu Max a 30 centímetros de distância com uma expressão indecifrável. A barba estava meticulosamente aparada e as suas melhores roupas tinham sido cuidadosamente remendadas, prontas para o seu papel oficial nos festejos daquela noite. Mas, naquele momento, não parecia o líder dos terrestres e um membro do novo e unificado Conselho. Parecia um homem ferido, um pai vivendo um luto que não podia ser mais fresco.

— Desenhou o pássaro quando contava 5 anos, sabes? Achei que estava muito bom para a idade que tinha. Para qualquer idade. — Riu-se por um segundo. — Talvez, no velho mundo, pudesse ter sido uma artista.

— Poderia ter sido muitas coisas — disse Wells, em voz baixa.

Max acenou com a cabeça antes de pressionar uma mão contra a parede da cabana para se equilibrar, como se algo dentro dele tivesse quebrado.

«Não devia estar aqui», pensou Wells. Mas, antes de poder dar uma desculpa para sair, Max endireitou-se e entrou na cabana, gesticulando-lhe para que o seguisse.

— Preparei umas palavras para o início da festa, mas é claro que as deixei aqui — explicou, procurando na sua secretária improvisada um pequeno pedaço de papel coberto de palavras rabiscadas. — As mesas enchem-se depressa. É melhor despachares-te.

— Não importa. Nem sei se vou. — Wells fitou as botas, mas sentiu que o olhar de Max não o largava.

— Tens tantos motivos para estar naquela mesa como qualquer outra pessoa, Wells — proferiu o homem mais velho. A sua voz era serena, mas com uma firmeza de pedra. — Esta gente... a nossa gente... está junta graças a ti. Estão vivos graças a ti.

Os olhos de Wells moveram-se para o canto de Sasha. Max espreitou sobre o seu ombro, seguindo-lhe o olhar.

— Ela também lá estará, de certa forma — continuou Max, com a voz a tornar-se ligeiramente mais terna. — A Festa das Colheitas era a sua festa preferida. — Avançou, pousando uma mão sobre o ombro de Wells. — Gostaria que te divertisses.

Wells sentiu os olhos a arder. Olhou para baixo e acenou com a cabeça. Max apertou-lhe o ombro e retirou a mão.

— Vou estar sentado na cabeceira da mesa com o resto do Conselho — informou Max, saindo. — Guardo-te um lugar a meu lado. Não queres perder o discurso do Bellamy, certo?

Sem conseguir conter-se, Wells sorriu ao pensar no seu irmão, o conselheiro acabado de nomear, a proferir um discurso perante centenas de pessoas. Só tinham descoberto recentemente que

eram meios-irmãos, mas o seu relacionamento evoluía depressa, passando de um respeito mútuo reticente para lealdade e afeto genuínos.

Wells seguiu Max para fora da cabana e fechou delicadamente a porta atrás de si, deixando o olhar demorar-se no pequeno pássaro. Era difícil acreditar que fora uma criança a desenhá-lo. A pequena Sasha capturara o pássaro em pleno voo, fazendo-o parecer leve e alegre, tal como ela, nas raras ocasiões em que punha de parte as suas responsabilidades e se permitia ser livre. Wells percebeu que tinha sido privilegiado por ter visto esse lado dela, por a ter visto guinchar de deleite enquanto mergulhava no lago de uma altura que Wells nunca arriscaria. Por ter visto os seus olhos verdes intensos suavizarem com ternura depois de um beijo. O descuido de Wells roubara a ambos uma vida inteira repleta de momentos semelhantes, mas não conseguiria apagar as memórias guardadas nas profundezas do seu coração.

Podia não ter o direito de festejar naquela noite, não depois de tudo o que fizera, de tudo aquilo por que precisava de responder... mas tinha muitos motivos para se sentir grato.

CAPÍTULO 3

Glass

O silêncio envolvia a cama como um cobertor adicional. Aquele lado do acampamento estava vazio depois de todos terem partido para ajudar nos preparativos da Festa das Colheitas. Mas Glass passara a tarde ali, na sua pequena cabana aninhada no limiar da clareira, distraindo Luke e sendo distraída. Era um raro momento para ambos. Desde a recuperação de Luke de um ferimento quase fatal na perna, ficara mais ocupado que nunca. Saía da cabana de madrugada e regressava muito depois do anoitecer, geralmente exausto e a coxear ligeiramente, de uma forma que provocava sempre um aperto no coração de Glass.

Luke tentou equilibrar-se sobre um cotovelo, mas Glass puxou-o, beijando-lhe o ombro, o bíceps, o peito e deixando a boca descer cada vez mais, provocando-o.

Ouviu-o deixar escapar um sorriso. Sorria.

— Tenho de começar o meu turno.

Glass beijou-lhe o queixo, o pescoço.

— Ainda não.

— Estás sempre a atrasar-me. — Luke passou as pontas dos dedos pela coluna dela abaixo. Não havia qualquer protesto na sua expressão.

— Não se vão importar — disse Glass, aproximando-se mais. — Consegues fazer mais nos teus turnos do que qualquer outra pessoa. Construíste metade deste acampamento. — Inclinou a cabeça, olhando-o com um sorriso orgulhoso. — Meu engenheiro brilhante.

Luke concebera dois modelos diferentes: uma estrutura pequena com interior aberto onde as famílias dormiam e uma cabana mais longa onde grupos de pessoas isoladas poderiam dormir em beliches, como as crianças órfãs do acampamento e os guardas. Mas a cabana de Glass e Luke era especial. Ficava afastada dos outros e as janelas pequenas viravam-se para o sítio onde o sol se erguia sobre a clareira naquela altura do ano. Tinha até uma lareira e uma pequena cozinha com mesa e cadeiras. Ninguém reclamara por viverem juntos. Era uma mudança bem-vinda depois de todo o tempo que tinham passado a esconder-se na nave. Primeiro da hierarquia social opressora e, mais tarde, porque Glass se tornara uma fugitiva.

— Supervisionei parte da construção — corrigiu ele. — Todos se esforçaram muito. Além disso, o turno não é de construção. Tenho serviço de guarda esta noite. — Luke ergueu a mão para passar os dedos pelo cabelo louro que emoldurava o rosto de Glass como um véu. A seguir, suspirou-lhe contra o pescoço.

Glass conhecia aquele suspiro. Significava que o tempo se esgotara. Sorriu-lhe e ergueu-se, dando-lhe espaço para sair da cama e para se vestir.

— Porque tens de ficar de sentinela em plena Festa das Colheitas? — perguntou ela, enfiando a camisola pela cabeça

e com os dedos dos pés a procurarem no chão a túnica grossa de lã que deixara cair horas antes. Uma prenda recebida com agrado dos seus novos amigos terrestres. Mesmo dentro da cabana, havia um indício gelado no ar e o sol ainda nem se pusera. O primeiro inverno vinha a caminho.

Inverno na Terra. Glass sentiu a emoção vibrar dentro dela ao pensar em fogueiras, em neve de brancura cegante e em noites passadas no calor dos braços de Luke.

— Alguém terá de o fazer. Posso ser eu — disse, calçando as botas. Espreguiçou-se, gemendo um pouco enquanto as costas estalavam. — Não te vais sentir sozinha, pois não? — perguntou ele, sentando-se a seu lado na pequena cama. — Podes sentar-te com a Clarke e com o Wells.

Glass bateu-lhe com o ombro.

— Fico bem. — O seu tom de voz era ligeiro, mas a verdade era que sentira mais dificuldades que ele para se habituar à vida no acampamento. Como membro da unidade de engenharia de elite na nave, Luke encontrara imediatamente uma forma de ser útil. Glass era uma trabalhadora esforçada e dera o seu melhor, mas não era uma líder natural como Wells, o seu amigo de infância, e não tinha talentos óbvios como Clarke, cuja formação médica já salvara inúmeras vidas. E, mesmo que Clarke não lhe tivesse demonstrado senão paciência e simpatia, Glass não conseguia libertar-se da sensação de que a sua antiga colega de escola continuava a vê-la como a rapariga superficial cuja vida girara em torno da caça a bugigangas na Central e de mexericos trocados com as amigas de cabeça igualmente oca.

Glass ergueu-se, forçando um sorriso.

— É melhor irmos. Disse à Clarke que a ajudava a levar comida às pessoas na enfermaria. Portanto... — Indicou a porta com a cabeça. — Em frente.

— Sim, senhora — brincou Luke, batendo continência, divertido. Glass empurrou-o pela porta fora e ouviu-o rir-se, com as mãos erguidas num gesto de rendição. Viu-o correr, ficando alguns passos para trás.

O Dr. Lahiri tinha dito que a recuperação de Luke fora milagrosamente rápida, mas Glass ainda não conseguia olhar-lhe para a perna sem ver a lança terrestre lá cravada. Arrastara Luke de volta para a segurança, descendo rios e atravessando florestas, e chegou ao acampamento a tempo de lhe administrar o medicamento de que precisava para sarar. Wells chamou-lhe «corajosa», mas Glass agira por medo e desespero. Depois de tudo o que tinham passado, de tudo o que tinham sacrificado, não conseguia imaginar a vida sem Luke.

Luke olhou-a, claramente tentando perceber porque demorava tanto.

Glass sorriu-lhe e disse:

— Estou só a apreciar a vista.

Viu-o arquear as sobrancelhas. Glass aproximou-se, segurando-lhe o braço e pressionando-se contra ele, acompanhando-lhe a passada. Ao atravessarem pelas cabanas e entrarem na clareira, captaram o primeiro vislumbre dos festejos: um círculo de mesas longas decoradas com coroas de verdura, grinaldas de ramos e mais comida do que Glass tinha visto desde a chegada à Terra.

— Pensando melhor, tens razão — reconsiderou Luke, melancólico. — Parece um bocado injusto que tenha de ficar de serviço agora.

— Guardo-te qualquer coisa. Prometo. E sobremesa também.

— Esquece a sobremesa — disse Luke. Baixou a cabeça para lhe roçar os lábios pela nuca antes de erguer a boca para lhe sussurrar ao ouvido. — Só há uma coisa que quero e não

tenho medo que acabe. — O seu hálito quente na pele fê-la estremecer.

— Cuidado, soldado! — Paul passou por eles, abanando a cabeça num gesto de reprovação fingida. — Encetar atividades de natureza íntima em serviço é rigorosamente proibido. Secção 42 da Doutrina Gaia. — Paul riu-se, piscou o olho e seguiu caminho.

Glass revirou os olhos, mas Luke limitou-se a sorrir.

— O Paul é boa pessoa. Só é preciso algum tempo para nos habituarmos a ele.

— Dizes isso de qualquer pessoa — disse Glass, apertando-lhe mais o braço. — Vês o melhor em toda a gente. — Era uma qualidade que admirava em Luke, mesmo que, às vezes, isso o impedisse de ver a verdadeira natureza das pessoas, como a de Carter, o seu sinistro amigo e companheiro de quarto na Colónia.

No limiar da clareira, erguia-se a torre de vigia recém-construída, onde os guardas mantinham as suas armas. Era a construção mais fortificada do acampamento.

Uma das guardas mais novas, Willa, saiu da torre, a bocejar.

— O próximo turno é teu, Luke? — perguntou, acelerando o passo enquanto se dirigia para eles. — Está tudo completamente calmo. Não há sinais de atividade. Nem sequer há armas que seja preciso vigiar.

Luke franziu ligeiramente a testa.

— Que dizes?

— Acho que levaram as armas para outro sítio. — Willa encolheu os ombros. — Deixei a espingarda no suporte, mas desapareceu.

— Está bem... — Os passos de Luke vacilaram. — Obrigado, Willa. Vou descobrir o que se passa.

Glass pôs-se em bicos de pés para dar mais um beijo a Luke. A seguir, viu-o entrar na torre. Quando deixou de o ver,

o cheiro a carne assada atraiu novamente a sua atenção para as mesas cada vez mais preenchidas da Festa das Colheitas. Os novos membros do Conselho estavam de pé no limiar da clareira, conversando animadamente. Bellamy mantinha-se afastado, lançando ocasionais olhares nervosos sobre o ombro. Mais abaixo, Glass avistou Clarke a dirigir-se para a enfermaria no lado oposto da clareira, com os braços cheios de travessas.

Glass começou a correr e alcançou-a sem dificuldade.

— Posso ajudar? — perguntou ela, estendendo a mão para uma das travessas.

Clarke olhou-a, claramente esgotada.

— Tenho tudo controlado — disse ela. — Mas podes fazer-me um grande favor? Podes ir colher um pouco de camomila daquele arbusto perto do lago? Alguns dos nossos pacientes precisam de camomila para dormir e leva muito tempo a preparar o chá.

— Claro — concordou Glass sem hesitar, ansiosa por ser útil. — Como é?

— Pequenas flores brancas. Traz as que encontrares. Raízes incluídas.

— Certo. E onde fica o lago?

— A dez minutos para leste. Segues o caminho para a aldeia dos terrestres, mas viras quando chegares àquele pinheiro. Depois, segue em frente e vira à esquerda na moita de silvas.

— Desculpa. Quais são os pinheiros?

Um indício de irritação surgiu no rosto cansado de Clarke.

— Os que têm agulhas em vez de folhas.

— Certo — anuiu Glass, acenando com a cabeça. — E as silvas são...

— Deixa estar — interrompeu Clarke. — Eu faço.

— Não. Eu trato disso — argumentou Glass. Tinha a certeza de que Luke lhe apontara as silvas em algum ponto. — Hei de encontrar o caminho.

Clarke suspirou.

— É mais fácil se for eu. Mas obrigada. Fica para a próxima. — Afastou-se apressadamente, deixando Glass sozinha e corada, tentando perceber quanto tempo seria necessário para deixar de se sentir uma estranha. Ou, pior ainda, um fardo.

À distância, Max levantou uma mão e o burburinho excitado cessou o suficiente para que Glass conseguisse ouvir. Max deu as boas-vindas a toda a gente presente na festa e explicou que, apesar de a tradição ter evoluído ao longo dos séculos, aquele sempre fora um dia para dar graças.

— E, assim, pensemos por um momento nas nossas bênçãos, sentindo gratidão por tudo o que vemos diante de nós e pelos dons que enriqueceram os nossos passados. — A sua voz cedeu e Max fez uma pausa, o que provocou uma pontada dolorosa no peito de Glass. Não conhecera Sasha bem, mas conseguia ver a agonia da perda. Todas as noites, ao adormecer, uma imagem surgia-lhe, vinda das profundezas da sua mente: a mãe, a lançar-se diante de Glass na nave de transporte para a proteger, com o sangue a formar uma mancha berrante na camisa e a alastrar cada vez mais até o seu olhar perder o brilho.

A voz de Max foi subitamente abafada pelo aplauso. Havia tantas pessoas a levantar-se que se tornou difícil perceber o que acontecia, mas parecia estar a abraçar Wells.

Glass inspirou fundo e começou a caminhar em direção à festa. Já que não podia ser útil, juntar-se-ia aos festejos. Enquanto se aproximava das mesas, uma grande pinha caiu de um ramo no alto, aterrando perto aos seus pés. Sem pensar, pontapeou-a, como fazia quando brincava com as crianças. Resaltou uma vez e aterrou a poucos metros. A seguir, abriu-se.

A primeira coisa que Glass viu foi a luz, um clarão cegante que pareceu reduzir o mundo inteiro a uma luz tórrida.

A seguir, veio a força do ar e um tremor no solo. Mal teve tempo de processar o trovão antes que este fosse substituído por um guincho dilacerante nos seus ouvidos.

A sua cara embateu no chão. Glass gemeu e o ar na sua boca pareceu-lhe denso, cerrado e cheio de fumo. Forçou-se a levantar-se com um grunhido baixo, com o corpo a tremer.

O acampamento estava em chamas. Afastou uma centelha quente da bochecha segundos antes de outra explosão abalar o outro lado da clareira, perto do sítio onde se erguia a torre de vigia. As pessoas gritavam e corriam. Glass conseguiu apoiar os joelhos no chão, esticando o braço para puxar quem estivesse no chão a seu lado... e percebeu, um segundo depois, que era apenas uma mão. Sem estar ligada a nenhum corpo.

Guinchou e retirou a sua mão. O vômito ergueu-se-lhe na garganta, mas engoliu com grande esforço e tentou levantar-se, gritando:

— Luke! Luke!

Não conseguiu orientar-se e deu três voltas completas antes de perceber porquê. O marco que procurava, a torre de vigia, tinha desaparecido. Não restava mais do que uma pilha de madeira fumegante, com a área em redor chamuscada.

O edifício dentro do qual Luke estava tinha sido destruído.

Glass cambaleou em direção às ruínas, ignorando os protestos do seu corpo dorido. A única coisa que sentia era o pânico que lhe inundava as veias. Tentou gritar, mas não conseguia produzir qualquer som.

No momento em que se achou prestes a desabar no chão devido à mistura estonteante de medo e dor, avistou uma forma familiar a emergir da nuvem de fumo. «Luke.» Estava bem. Afinal, não estivera dentro da torre. De lados opostos da clareira, os seus olhares fixaram-se e Glass teve a certeza de que o alívio que lhe via na cara seria idêntico ao que também ela ostentava.

Mas, a seguir, Luke olhou o que havia atrás dela e o medo fê-lo arregalar os olhos. Glass não conseguiu ouvir as suas palavras, mas teve a certeza de que tinha dito: «Foge.»

Glass virou-se e captou o vislumbre de um homem alto a avançar para ela. Tinha a cabeça rapada e vestia estranhas roupas brancas.

A seguir, o homem espetou-lhe uma agulha no pescoço.

O mundo passou de vermelho flamejante a manchado de branco, ficando negro logo a seguir. Glass sentiu-se cair para o vazio.

OS

REVOLTA

Quando, finalmente, os 100 conseguem estabelecer a sua pequena comunidade na Terra, e construir um novo tipo de normalidade, são atacados de surpresa. Os invasores vestem de branco, estão armados e não se limitam a saquear o acampamento dos colonos: raptam também alguns dos seus habitantes, fazendo-os reféns.

Aqueles que escapam não podem ficar indiferentes, e recusam-se a deixar os amigos nas mãos de violentos desconhecidos. Perante este novo desafio, e frente a frente com um inimigo mortal, todas as diferenças terão de ser postas de parte. As prioridades estão, agora, bem definidas: resgatar os companheiros e restabelecer a paz.

«Misterioso e excitante. A combinação perfeita entre *Os Jogos da Fome* e *O Deus das Moscas*.»

Booklist

Leia também os outros livros da série:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-03-6



9 789898 869036

Ficção Científica